



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacarriano (IF-EPFCL)

BARCELONA 13/16 setembro 2018

Um advento do dizer

Adriana Grosman

Pensar nos adventos do Real, dá o que falar! Talvez este seja o que mais diz da nossa prática, onde o Real, diferente da realidade, este que não cessa de não ser dito, é levado em conta, o que separa esta prática, a nossa, de todas as outras. Adicionando-se aí o psicanalista, não há sem ele, podemos diferenciá-lo dos outros terapeutas e também de profissionais da saúde que cada vez mais respondem a nossa cultura da pressa, do bem estar e dos falsos *band-aids* oferecidos a torto e a direita para cuidar do sofrimento.

No início uma solidão, estamos sozinhos? Parece que sim, no mundo, enquanto psicanalistas e no divã enquanto sujeitos falantes. Podemos falar dela, da solidão, mundo a fora, muitas vezes sem eco, não é simples esta apreensão. Quando a percebemos dá ares de fazer peso e barulho, mas logo em seguida nos confundimos, melhor quem diz do encontro com a solidão é o poeta Machado de Assis “não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada”.

Não há outro jeito para se depreender do Outro–parceiro/ cúmplice da neurose- a não ser pela experiência da solidão, da decisão e do laço que a psicanálise proporciona excepcionalmente, como diz Fingermann¹.

Ate lá, tentamos, de qualquer forma, manipular as palavras até vencer, formar algum significado, tentando costurar algo do nada, da ausência, da insignificância, buscando acabar com o misterioso, este que aponta para o real, caminho a seguir, sem saber. Caminho duvidoso justamente pelo mistério causado pelo não saber que vai apontando para outra direção.

Caminho acompanhado de emendas e amarras, da fantasia construída justamente para cuidar do horror do instante de ver o advento que causa o sujeito.

¹ Fingermann, D. – “ A (de)formação do Psicanalista: as considerações do ato psicanalítico”, escuta, SP, 2016, p. 16.

Parece até um “milagre” quando algo desta ordem aparece, um não querer saber se impõe e depõe a fantasia de ser. Difícil, então sustentar o não sabido, da coisa, do inconsciente.

Difícil nos acostumar e substituir essa imposição, que é aquela que a linguagem provoca, imposição do ser, deste que “nós não temos nada, nunca”².

É sempre do parecer que se trata, tese do Lacan no seminário Encore, onde vai dizer que é no próprio ponto onde os paradoxos brotam que o ser se apresenta, e nunca se apresenta senão “pare-ser”, isso para avançar no que se refere a “essa relação sexual, da qual está claro que em tudo que se aproxima dela, a linguagem só se manifesta em sua insuficiência”³.

O ‘já sei’ exibido pelo sabido serve para não ler, para não enlaçar o corpo e se defender da angústia, do vazio que está entre cada letra, assim ex-siste um outro escrito que não é para ser compreendido. Só um novo encontro com a linguagem, vai permitir ao sujeito reconhecer o que já estava escrito, a linguagem que já estava lá.

A sensação da angústia atrapalha, faz sombra, faz até horror. Esta topada com o real, não se apresenta de maneira tranqüila e cordata, aparece e dá as caras simplesmente assim, se apresenta. Por outro lado, aparece e desaparece. Não é simples apreendê-lo, lembra a brincadeira de criança, aquela que Freud brilhantemente ilustrou e apelidou de *fort-da*, não somente em relação ao aparecimento e desaparecimento, mas a ausência em jogo aí, trazendo de volta a questão da solidão, um mais além da ausência da mãe. Desta forma, o advento do real quando aparece, surpreende e dá o tom de “milagre” ou clarão, como diz Thamer⁴.

Como ouvir desse inapreensível e indizível, portanto? Soler⁵ retoma a expressão “adventos do real”, nosso título, acrescentado do psicanalista para falar que “o psicanalista só tem, em princípio, uma política – a da psicanálise –, pois seu objeto é a clínica dos sujeitos sob transferência no discurso analítico. É aí que devemos interrogar o que ali advém do real e que poderia interessar nosso momento da civilização – se soubermos nos fazer ouvir e entender”, ouvir a partir deste lugar.

O psicanalista está neste lugar de escuta, não sem razão, para orientar uma análise até seu fim. Ele é aquele que sustenta este lugar de *semblant*, de não

² Lacan, J. (1972-1973) – Encore, Escola da Letra Freudiana, RJ, 2010, p. 115.

³ Ibid, p. 116.

⁴ Thamer, E., Pré texto 9 ao tema do X encontro 2018

⁵ Soler, C., Pré-texto 7 ao tema do X encontro 2018.

responder a demanda do outro e fazer com que a fantasia que sustenta o desejo, que tenta fazer a relação sexual existir, seja atravessada.

O tratamento psicanalítico caminha por aí, pelos *tours* do dito, onde o dizer pode ser encontrado, como esclarece Lacan em “O Aturdido”, o “dito não vai sem o dizer”⁶ e “o dizer fica esquecido por trás do dito”⁷. Ele retoma a antiga distinção entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado para propor a oposição entre o dizer e o dito, assim, o dito do analisando destinado à escuta do analista, ou seja, ao Outro, “*que se diga*”, vai produzir um dizer, inaugurando a entrada do analisando no discurso analítico.

Soler⁸ fala de coragem “de renunciar à queixa para enfrentar o destino que seu inconsciente lhe produziu”, se referindo ao fim de análise.

Me perguntava, a partir daí, como ficaria a transmissão de um fim e o que seria possível escutar do advento do dizer. Ou ainda o que passa, nessa transmissão, do que passou num passe, por exemplo, exame do que faz um analisante decidir colocar-se como analista, no momento do testemunho, quando oferece seu saber ‘não sabido’ aos outros. Trata-se ainda de coragem aqui?

De um inconsciente vivo, o sujeito dá mostras, se dá à mostra no passe para apontar para o real em jogo, a partir de seus próprios giros, sem saber do que se trata exatamente, não é da história (*historicização*) que se trata, e não é mais o sentido, o alvo.

O que pude enlaçar desta experiência, como advento do dizer, para pensarmos nesse encontro, foram dois pontos recolhidos de um dos meus primeiros testemunhos; cogitei ter feito uma série de três primeiros.

O primeiro foi o encontro com um texto de Lacan “D’ecolage”⁹, desconhecido por mim, até o momento, mas interessante porque me nomeio descolada, no final da análise, remetendo a uma nova relação com o gozo. Lacan neste texto, fala de fim também, da dissolução da escola à causa freudiana, com a frase, “eu tentei inspirar-lhe outro anseio, o de ex-sistir. E aí triunfei. Isto é marcado pelas preocupações com que se contorce o retorno à trilha”, sugere pensar o que impede o retorno do igual e o cuidado de pensar a escola e seu efeito de cola “*de colle*”, assim como, a questão da escolarização, onde vai lembrando dos seus princípios, retoma o cartel, órgão de base e aprimora a sua formalização.

⁶ Lacan, J. (1973), O aturdido. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p.451.

⁷ Ibid, p. 449.

⁸ Soler, C., Pré-texto 7 ao tema do X encontro 2018.

⁹ LACAN, J.(1980a). D’Écolage. *Revista da Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão, Documentos para uma Escola*, ano I, n. 0, Rio de Janeiro, s/d.

Me faz pensar a passagem do fim da análise ao pedido do passe, no meu caso, como dois momentos diferentes, ou seja, a aproximação com a escola neste segundo momento.

O segundo ponto seria, a analista d-escola-da – um saber fazer com o sintoma, nome singular que sai desta experiência do dizer, advento do real, não sem o laço com a escola, campo do psicanalista.

Ao descolar pude alçar “vão” da análise, que leva ao passe e à nomeação. Ao responder as questões dos dois momentos diferentes, do final de análise e do passe, com intervalo grande entre eles, retomo a questão do vazio e da angústia, não é sem ela, que volto à análise após o final, para dar de cara, de novo, com o advento do real (re-advento), quando lá fui apresentada ao meu mais novo amigo conjunto vazio e assim a decisão de falar. Partir para o passe, novo laço, com a escola, “se vê tornar-se uma voz”¹⁰ foi uma forma de fazer algo com isso, falando do desejo do analista.

Não é pequena esta descoberta, devo falar! Desejo de transmitir esse contingente e impossível recém descoberto. E isso só é possível no laço com a escola, lugar possível para o impossível do dizer, lugar possível para levar a “sério” esse advento singular. Trata-se de outro saber fazer não sem lembrar do risco da cola, da escolarização, de cair na velha trilha.

¹⁰ LACAN, J. (1967), “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 260.